

Apatia, ignorância e desinteresse – uma história da leitura no Brasil?¹

Márcia Abreu*

Resumo

O texto examina discursos produzidos por viajantes estrangeiros a propósito da cultura letrada no Brasil nas primeiras décadas do século XIX, mostrando como constroem uma imagem de fracasso das instituições e das pessoas relacionadas às letras. Analisando-os, entretanto, é possível perceber brechas nesses discursos e compreendê-los em suas condições de produção, o que leva a pôr em questão a imagem por eles construída.

Palavras-chave: história da leitura, cultura letrada, viajantes, Brasil colônia.

A descoberta do Brasil – e do restante da América – encheu o Velho Mundo de maravilha e espanto. A curiosidade e o interesse dos europeus sobre o que se passava do outro lado do Atlântico favoreceram a produção e a circulação de um amplo conjunto de escritos que se destinavam a apresentar e, principalmente, a interpretar a nova terra e seus habitantes. Funda-se, assim, um discurso em que se constituem imagens do Brasil; primeiramente, para os europeus e, posteriormente, para os brasileiros, que construirão sua identidade num diálogo permanente com as informações e juízos nele construídos.

O interesse da monarquia portuguesa pela nova terra e o temor de perdê-la para outra potência européia fizeram com que todos os esforços fossem envidados para afastar daqui súditos de outros reinos e para manter em sigilo as informações sobre o território – e,

* Universidade Estadual de Campinas.

especialmente, sobre suas riquezas. No entanto, a transferência da corte para o Rio de Janeiro com a conseqüente abertura dos portos, trouxe para o Brasil milhares de europeus, que para aqui vieram com os mais variados propósitos. Dentre eles alguns produziram relatos sobre o que se passava abaixo do Equador.

Longe de produzir uma imagem homogênea e coerente, esses homens e mulheres discordavam sobre muitos aspectos, passando do deslumbramento à aversão.² Os relatos, entretanto, são admiravelmente uniformes quando se trata de avaliar o estado da vida letrada, concebida como degradada, desinteressante e inadequada.

O Brasil, considerado o número de anos em que vem sendo colonizado, o espaço que ocupa e os habitantes que tem, exibe talvez a maior deficiência de talento e curiosidade do globo; ou, pelo menos, não se vêem esforços no sentido de despertar esses atributos [...]. Numa palavra: o povo, aqui, simplesmente vegeta, numa apatia inconsciente e indolência enervante, a que é somado igual desprezo pelo espírito.³

A maioria não é nem mais culta nem menos avessa a dar provas públicas de sua ignorância. Se isso se dá com as camadas superiores da sociedade brasileira, que esperar do vulgo? Cada um que decida disso como quiser e dificilmente o fará de maneira demasiadamente desfavorável. É difícil conceber que um país, que por tanto tempo participou da civilização, possa cair mais baixo do que na realidade se encontra a Colônia a esse respeito.⁴

Por menos culto que seja o europeu, por mais baixa que lhe seja a procedência tem mais idéias do que os brasileiros a quem não vale a mínima instrução. Este é o caso geral mesmo quando se refere às pessoas ricas.⁵

Essas avaliações, compostas entre 1802 e 1822, sumariam o tom predominante nos relatos: apatia, ignorância e desinteresse caracterizam o estado da cultura local. Se contássemos apenas com os escritos dos viajantes estrangeiros para compor um retrato da situação cultural brasileira nas primeiras décadas do século XIX, formaríamos uma triste imagem.

Um mundo composto majoritariamente por analfabetos, que desconhecem os rudimentos mais elementares da escrita e da aritmética; os que lêem soletram as palavras e têm imensa dificuldade ao escrever. Têm de apoiar-se na memória para a realização de atividades cotidianas, como elaboração de listas de compras ou aprendizado de preces e orações. Desocupados de atividades instrutivas e do trabalho – realizado por escravos – gastam os dias conversando frivolamente, jogando cartas ou cochilando. Sua falta de cultura espalha-se por todos os ramos do conhecimento: “Até os nomes da literatura e da ciência são quase desconhecidos.”⁶

Se poucos são os homens com alguma cultura, em pior situação estão as mulheres. Afastam-se de qualquer trabalho manual, sequer tecem ou cozinham, pois têm escravas que se incumbem dessas tarefas, raramente sabem ler ou escrever. Em grande medida, os

ignorantes homens com quem vivem são responsáveis por sua penúria intelectual. Temerosos de que fizessem mau uso da arte da escrita, seus pais e maridos conservam-nas reclusas, em cômodos interiores das casas, e esmeram-se em mantê-las afastadas do mundo de papel e tinta.⁷ Como os homens, passam o tempo jogando e conversando, em roupas de baixo, espantando insetos importunos.

Incultas, rodeadas por escravos, sem o menor conhecimento de regras de civilidade, essas mulheres eram péssimas mães. Como poderiam instruir seus filhos se nada sabiam? Fecha-se o círculo da ignorância: homens néscios interditam as letras às suas esposas e filhas que, uma vez convertidas em mães, formam homens sem cultura que afastam suas esposas e filhas...

As deficiências intelectuais observadas são atribuídas pelos viajantes a vários fatores, dentre os quais se destaca a ausência ou inadequação de um sistema escolar. Dizem que, “embora pareça estranho, é literalmente verídico”⁸ que não havia escolas na colônia nos primeiros tempos. Toda educação é realizada nas casas, nas quais as crianças são criadas junto dos escravos com os quais “aprendiam a praticar todas as vilanias de que sua idade tenra era capaz”.⁹ O descaso pela educação explica-se porque os homens mais ricos são, em geral, europeus que, em sua terra natal, nada tinham e nada conheciam, tendo enriquecido na colônia sem que a falta de instrução fosse obstáculo a seu sucesso. Sendo ricos, são respeitados, não percebendo, portanto, qualquer utilidade para o conhecimento.

Entretanto, as maiores cidades contam com algumas escolas. Mesmo recebendo apoio do governo, são todas muito mal organizadas: as salas são pequenas, mal iluminadas e escassamente mobiliadas; os professores são poucos, despreparados, mal remunerados e exercem atividades paralelas para seu sustento; os métodos de ensino, completamente inadequados; os livros, escassos e ultrapassados. Os pais têm vergonha de conduzir seus filhos à escola, por isso é pequeno o número de estudantes. Os que lá vão ficam fechados em cubículos abafados e encontram mestres mais preocupados em ensiná-los a cantar matinas e ave-marias do que em incutir-lhes os rudimentos “da ciência e da literatura”.¹⁰ A instrução dada nos colégios visa sobretudo à preparação para a vida eclesiástica ou para funções do Estado, atividades para as quais conhecimentos superficiais parecem suficientes. Mesmo o mais conceituado colégio existente no Rio de Janeiro, na época em que lá vivia a corte portuguesa, não escapa às críticas de viajantes:

Dos colégios, o de São José é o mais antigo e afamado. Foi provavelmente fundado logo após a igreja de São Sebastião, encontrando-se ao pé do morro que traz seu nome, perto da Rua da Ajuda [...]. Avistamos uns poucos colegiais que se achavam por ali passeando, de beca vermelha; alguns já tonsurados, mas a maior parte ainda muito jovem. Não apresentavam nenhuma elasticidade de espírito, nenhuma curiosidade sagaz, nenhuma urbanidade de maneiras e pouquíssimo asseio pessoal. Examinaram-nos com um pasmo estúpido, demonstrando, ao que pareceu, a in-

fluência da ignorância despótica sobre as forças que ela pretende cultivar. Ao sairmos dali, estávamos todos prontos a dizer: “Nem um raio de ciência jamais penetrou aqui.”¹¹

A falta de animação cultural refletese na inexistência ou na má qualidade das livrarias. Há controvérsias entre os viajantes sobre o número de casas instaladas no Rio de Janeiro, mas todos se espantam com sua escassez. Em fins do século XVIII parece haver apenas dois estabelecimentos em funcionamento;¹² na primeira década de 1800 encontram-se quatro estabelecimentos.¹³ Às vésperas da independência, o mais otimista dos relatos anota a existência de doze livreiros na cidade. Henry Koster, em visita ao Recife em 1810, espanta-se porque não encontra sequer uma livraria.¹⁴ Onze anos mais tarde, Maria Graham afirmaria que “não há um só livreiro em Pernambuco e a população de suas diversas freguesias sobe a 70.000 almas!”¹⁵

As poucas livrarias que há são estabelecimentos muito pobres, vendendo livros antigos, sobretudo traduções encalhadas nas tipografias portuguesas. Os livreiros, tão ignorantes quanto o resto da população, não têm novidades inglesas e francesas em suas prateleiras e oferecem, exultantes, velhos romances como *Robinson Crusoe*.¹⁶ A esses inconvenientes acresce-se o preço estranhamente alto cobrado pelos livros, o que afasta os poucos interessados. Assim, “a Livraria no Rio de Janeiro é mau negócio. O stock fica muito tempo encalhado”.¹⁷

A qualidade dos acervos fica comprometida não apenas pela ineficiência dos proprietários, mas também porque todos os livros têm de ser importados, ao menos até 1808, quando se funda a Imprensa Régia. Após esta data começam a surgir jornais – um ou outro “toleravelmente bem escrito”¹⁸ –, embora a liberdade de imprensa seja bastante restrita. Ainda que conte com belos tipos importados da Inglaterra, a atividade da casa impressora deixa a desejar, pois os preços da impressão são altos e a quantidade de títulos e tiragens, baixa.¹⁹ Imprimir livros em Portugal continua sendo um bom negócio, mesmo depois de instalada a imprensa, cuja atividade parece limitar-se à impressão da “Gazeta do Rio de Janeiro”, folhetos e poesias de ocasião em honra da casa reinante etc.”²⁰

Se é difícil adquirir livros, pouco fácil também é a vida daqueles que pensam consultá-los em bibliotecas, pois esta é uma instituição rara. As poucas que existem, em geral em instituições religiosas, não sabem conservar os livros, deixando-os amontoados em quartos fechados, onde rapidamente se deterioram. Após a vinda da corte, é aberta ao público a Biblioteca Real, contendo mais de sessenta mil livros. Contém, sobretudo, trabalhos de teologia e direito, boas coleções de obras de história, mas nada muito moderno, pois o acervo havia sido constituído há mais de cinquenta anos sem que houvesse preocupação em atualizá-lo. Uma ou outra novidade é introduzida por ocasião da compra da biblioteca

particular do Conde da Barca, incorporada ao acervo.²¹

Guiados apenas pelas falas dos viajantes que aqui estiveram, parece forçoso concordar com a afirmação de um deles, Pe. Martin de Nantes: os homens e mulheres que vivem nos trópicos “são criaturas racionais, filhos de Adão, como nós mesmos, *conquanto muito ignorantes*”.²²

Entretanto, superada a forte impressão causada pelas insistentes observações e comentários acerca da penúria intelectual brasileira, os discursos dos viajantes deixam entrever cenas e situações que indicam interesse e familiaridade com a cultura escrita. Esmagados em meio aos comentários generalizantes sobre a ignorância espalhada por todos os grupos sociais, insinuam-se notas sobre algumas “exceções”.

Ao apresentar demonstrações de incultura, os viajantes não se preocupam em particularizá-las, elaborando juízos como: “Os homens mais abastados desta região revelam não somente extrema ignorância, como ainda limitada inteligência e pouco critério. É impossível com eles ter-se conversa seguida.”²³

Entretanto, quando se trata de relatar o encontro com pessoas instruídas, esforçam-se em esclarecer que estão diante de fato raro, talvez único: “Na atual época de luzes da sociedade, é singular que as investigações não sejam reiniciadas pela nação em geral. Mas isto não acontece, com uma única exceção individual na pessoa do padre Francisco Agostinho, sacerdote da Bahia.”²⁴

Nada mais eloqüente do que a pleonástica expressão “uma única exceção individual”. Pessoas cultas têm nome, sobrenome, profissão ou condição social declaradas; a estupidez espalha-se pela sociedade. O mesmo Lindley, que se anima com padre Francisco Agostinho, diz ter encontrado “mercadores respeitabilíssimos na sua profissão que muito nos espantaram perguntando-nos em que parte de Londres ficava a Inglaterra, qual o maior, a Madeira ou a Grã Bretanha, ou qual a mais distante do Rio”.²⁵ Dificilmente vários mercadores teriam proferido as mesmas tolices, mas aqui não cabe nomeá-los, pois servem bem à demonstração da teoria do despreparo reinante. Os viajantes não apenas salientam a excepcionalidade de alguns indivíduos como se espantam por serem nascidos no Brasil, considerando “estranho que seja(m) natural(is) deste lugar e dele quase não tenha saído”.²⁶

O acúmulo de exceções, entretanto, permite alguma dúvida acerca da idéia geral. Dúvida que se amplia quando se percebem as contradições em relação à existência e à quantidade de escolas, livrarias, bibliotecas.

A começar pelas escolas, muitos reconhecem a existência de estabelecimentos especialmente dedicados à educação, sobretudo no período posterior à transferência da família real para o Brasil. Não obstante a identificação e, algumas vezes, a visita às instituições, sua existência não parece, aos olhos dos viajantes, contribuir para a elevação intelectual dos habitantes, pois, de seu ponto de vista, são todas bastante

inadequadas. Os estudantes “não apresentavam nenhuma elasticidade de espírito, nenhuma curiosidade sagaz, nenhuma urbanidade de maneiras e pouquíssimo asseio pessoal”, eram todos tomados por “um pasmo estúpido”, talvez devido aos “processos de ensino imperfeitos” adotados nas escolas, em que “uma grande parte do tempo de que dispunham, consumiam-no cantando matinas e ave-marias”, “trancadas em cubículos reduzidos e abafados, onde todas liam alto ao mesmo tempo, com grande aborrecimento de cada qual”.²⁷ Poucos se interessavam pela frequência a escolas deste tipo e mesmo o governo não parecia muito preocupado com as crianças ou com seus professores, que chegariam a ficar sete anos ou mais sem receber ordenados, sendo, portanto, forçados a dedicar-se ao comércio em busca de seu sustento, sem, entretanto, abandonar as classes.²⁸ Se, de um lado, alguns acreditavam não haver nenhum estabelecimento dedicado à educação, outros percebiam sua existência, mas verificavam uma tal quantidade de inadequações que sua presença parecia inócua.

Além da precária instrução formal, identificavam formas alternativas de aprendizado. Grande parte da educação – ou toda ela, em alguns casos – era ministrada “inteiramente em casa” já que “os jovens *senhores* e *senhoras* seriam altivos demais ou por demais delicados para frequentá-las [as escolas]”, aprendendo com os “caixeiros de seus pais, em geral moços portugueses que haviam emigrado na intenção de tirar o melhor partido possível de seus talentos”.²⁹ Sobretudo as moças

eram instruídas em casa, aprendendo “a recitar preces de cor e a calcular de memória sem saber escrever nem fazer as operações”. “Os pais e maridos favoreciam essa ignorância a fim de destruir pela raiz os meios de correspondência amorosa.”³⁰

Embora muitos se queixassem da ausência de escolas, seus próprios relatos revelavam a existência de estabelecimentos de ensino, bem como de formas alternativas de contato com o mundo da escrita. Talvez tenha sido por meio de uma dessas formas alternativas que o escravo fugido de Antônio Gomes Ferrão Castelo Branco tenha aprendido a ler e escrever. Em carta enviada da Bahia a seu pai, em 1725, ele descreve o negro:

Marceneiro, entalhador, torneiro e oficial de fazer engenhos. Teve bexigas de que lhe ficaram bastantes sinais; a cor é fixamente preta. Não se lhe falta dente algum; tem alguma coisa de cavalgador, a fala é fina, não é gordo, nem magro; pernas magras e representa 30 para 40 anos sem cabelos brancos. Toca viola a cujo som recita alguns tonilhos castelhanos. É inclinado a Baco, mas não tanto quanto a Vênus de que foi sempre inseparável. Sabe ler e escrever, mas já com óculos, e traz a sua vida por ele mesmo.³¹

O escravo, apreciador das boas coisas da vida, provavelmente não sentou em bancos escolares para aprender a ler, escrever, recitar em espanhol e tocar viola, assim como, provavelmente, aprendeu na prática os ofícios mecânicos que desempenhava. Mesmo que não houvesse escolas, seria possível aprender através do contato informal com pessoas instruídas, fossem elas

caixeiros, professores particulares, pais ou parentes. Segundo Luis Carlos Villalta, escravos podiam aprender junto com os filhos do proprietário:

Os filhos dos senhores de engenho nordestinos, até meados do século XIX, costumavam fazer seus estudos na casa-grande, onde quase sempre havia uma sala de aula, com capelães ou mestres particulares. Aos sinhozinhos, em alguns casos, juntavam-se os filhos de escravos e outros moleques, todos aprendendo juntos a ler, a escrever, a contar e a rezar. Além das primeiras letras, no privado também se ensinavam os ofícios.³²

Não se pode, portanto, concluir que a precariedade das instituições de ensino signifique necessariamente uma ausência completa de contato com o mundo da cultura.³³ Exemplo de instrução informal encontra-se também em relato de Debret, que diz que as mulheres conheciam “preces de cor”, mas não sabiam escrever; sabiam “calcular de memória”, mas não eram capazes de “fazer as operações”.³⁴ Qual é a diferença entre *calcular* e *fazer operações*? Esta última é mais formal, é algo que se aprende na escola. Apesar de não escolarizadas, as mulheres eram capazes de fazer cálculos matemáticos, mesmo que não seguissem os preceitos formais.

A alusão feita no mesmo relato à memorização permite perceber uma forma de circulação dos conteúdos culturais típica das culturas marcadas pela oralidade, nas quais as pessoas entram em contato com narrativas a partir da audição de uma história contada ou lida em voz alta. Alguns viajantes apresentam situações em que alguém lê para um grupo de pessoas,

revelando uma das formas de circulação de materiais impressos alternativa à leitura individual e silenciosa. Mesmo eles participaram de situações deste tipo em sua relação com intelectuais que viviam na colônia. Maria Graham tomou contato com poesias em língua portuguesa ouvindo a leitura feita por Dona Carlota, “que lê admiravelmente bem” e fez-lhe “o favor de ler alguns dos mais belos versos de Dinis”,³⁵ ou por José Bonifácio de Andrada, cuja leitura oral “cheia de caráter e de inteligência” fez com que chegasse a pensar se os méritos dos poemas não adviriam “de sua maneira de ler”, não da qualidade dos textos.³⁶ Em Sabará, Saint-Hilaire travou contato com o professor de latim da comarca, que, desejoso de mostrar sua erudição, “teve a bondade de ler [...] sua aula inicial”.

Com a mediação de uma pessoa alfabetizada, diversas outras – leitoras ou não – travavam contato com textos escritos. Associar a capacidade de decifrar sinais gráficos à leitura parece ser uma concepção recente. Segundo o mais importante dicionário português do século XVIII, escrito por Antonio Moraes Silva, ler é “pronunciar, e entender, ou entender somente alguma escritura, ou pronunciar somente as letras de que ella consta. Expor, explicar”.³⁷

Moraes Silva fornece cinco termos ou expressões equivalentes ao verbo “ler”, dos quais quatro remetem à expressão oral (pronunciar e entender; pronunciar somente; expor; explicar). Resta a definição que associa o ato de ler à possibilidade de “entender somente alguma escritura”. O lugar em que se emprega o advérbio “somente” deixa dúvidas quanto à interpretação.

Numa primeira hipótese, pode-se imaginar que ler seja “só entender”, subentendendo-se “sem pronunciar”. Neste caso, a normalidade da leitura em voz alta é pressuposta no emprego do advérbio “somente”. Numa segunda hipótese, “entender somente” pode significar “entender sem decifrar o código gráfico”, ou seja, entender o que foi lido por alguém. Esta hipótese ganha força se lembrarmos que o verbo “entender” vem do latim *entendere*, que significava, entre outras coisas, *ouvir*.³⁸ Dessa forma, a presença da oralidade seria ainda mais marcante. Há ainda uma terceira possibilidade, menos provável, de que a expressão signifique “entender somente algumas escrituras e não outras”. Seja como for, a definição de leitura ancora-se na idéia da oralização do escrito, uma vez que apenas uma das expressões – ou talvez nenhuma delas, segundo a interpretação que se dê ao “entender somente” – faz referência à possibilidade de compreender sem pronunciar um texto.

Esta concepção de leitura não é exclusiva ao mundo português. O francês Le Texier, autor do *Petit cours de littérature, à l'usage de la jeunesse de l'un et l'autre sexe*, um manual sobre “a arte de ler bem”, publicado em Paris em 1801, define a leitura bem feita como:

A arte de bem ler não é nada além da arte de bem dizer aquilo que está escrito, ou seja, dar às frases que se tem a pronunciar e às palavras que as compõem a verdadeira expressão de que são suscetíveis. Deste ponto de vista, pode-se ver a analogia perfeita que existe entre a Arte de bem ler e aquela de bem falar.³⁹

Embora a definição de Le Texier pressuponha a decifração da escritura, enfatiza a destinação oral dessa atividade. No século XVIII e início do XIX, o conceito de leitura parece confundir-se com a fala e a audição, podendo prescindir da habilidade de decifração dos sinais gráficos de que se compõe a escrita. Se entre intelectuais o processo de ouvir ler fazia parte das formas de sociabilidade, parecendo coisa comum, que dizer do poder de divulgação dos escritos entre os não-letrados. Por meio da leitura oral, iletrados também poderiam entrar em contato com conteúdos registrados por escrito. O acesso a esses conteúdos não parece completamente vetado aos moradores do Brasil colonial, seja por freqüentarem escolas – cujos currículos, métodos, instalações e mestres podiam ser menos ou mais adequados –, seja por aprenderem a ler em casa com professores particulares, seja por participarem de leituras orais.

Se essas formas de contato com o escrito talvez não permitam a aquisição de grandes conhecimentos científicos ou filosóficos, parecem capazes de proporcionar o contato com poesias e textos ficcionais em língua vernácula.

Entretanto, a idéia de que pessoas pouco ou não letradas pudessem ter contato com formas escritas não é de grande utilidade para a avaliação das condições culturais da colônia, considerando os relatos que tratam da escassez de livrarias e da inadequação de seus estoques, pois eles sugerem que seria praticamente impossível adquirir livros no Brasil.

Da mesma forma que a quantidade de escolas não é critério exato para a

aferição do volume ou competência dos leitores, a existência de livrarias tampouco parece categoria suficiente para determinar o interesse pela leitura, já que a venda de livros não se restringia a estabelecimentos especializados neste comércio. Era prática corrente, tanto em Portugal quanto no Brasil, sua venda em lojas nas quais se comercializavam artigos tão variados quanto mapas, relógios, telas, tecidos, meias e bonés.⁴⁰ É possível também que houvesse venda ambulante de livros, como a representada por Thomas Ewbank, viajante inglês, que visitou o Rio de Janeiro em período um pouco posterior ao dos demais viajantes. Em 1844, diz ter presenciado esse tipo de comércio de livros pelas ruas da cidade:

Escravos de ambos os sexos apregoam suas mercadorias em todas as ruas [...]. Sapatos, bonés enfeitados, jóias de fantasia, livros infantis, novelas para jovens e obras de devoção para os devotos, “A Arte de Dançar” para os desajeitados, “Escola de Bem Vestir” para os moços, “Manual de Polidez” para os rústicos, “O Oráculo das Senhoritas”, “A Linguagem das Flores”, “Santas Relíquias”, “Milagres dos Santos” e “Um Sermão em Honra de Baco” – tais coisas e milhares de outras são, diariamente, apregoadas pelas ruas [...]. Um desses mercadores, dono de estoque estranhamente diversificado, chamado a atravessar o portão e passar ao jardim diante da casa, trazia consigo pentes, sabões, agulhas, perfumes, tintas, penas, linha, graxa de sapatos, livros, papéis, lápis, fósforo, cobertas de chá de porcelana inglesa, cordas de fino metal, e não sei que mais, de tal modo estava abarrotado seu mostruário.⁴¹

Havia, ainda, a prática dos leilões de livros, em que se vendiam obras de bibliotecas privadas, ou a possibilidade de realizar encomendas a livreiros portugueses, que se ofereciam para remeter livros para fora de Portugal. Uma das casas comerciais a publicar, desde o século XVIII, “advertências” dessa natureza é a da viúva Bertrand:

Além dos sobreditos, se acha também na mesma loja por preços muito acomodados hum copiosíssimo sortimento de livros em todas as Línguas, Artes e Faculdades. Os mesmos mercadores de livros apromptão todas as encomendas de livros para dentro do continente do Reino, e suas Conquistas; e mandão vir todos quantos se lhes encommendão dos Países Estrangeiros, donde acabão de receber hum copioso sortimento em todas as diferentes classes, etc.⁴²

Se os viajantes procuraram livros apenas em livrarias, podem ter perdido a chance de encontrá-los. Mesmo quando os localizaram, não gostaram do que viram. Os livreiros ofereciam-lhes obras *insignificantes*, como romances do século anterior;⁴³ em leilões saíam bem obras inglesas e francesas, mas não havia interesse por “uma edição de Glasgow da *Ilíada* de Homero, em grego, a Septuaginta e Novo Testamento na mesma língua, nem tão pouco os léxicos de Hederic e Schrevelius, como também não encontrou freguês um Saltério hebraico com tradução latina”.⁴⁴

Esta é uma curiosa recorrência no relato dos viajantes: cada vez que tomam contato, em terras brasileiras, com um elemento próprio à alta cultura encontram uma maneira de rebaixá-lo,

indicando sua inadequação, sua baixa qualidade, o equívoco das práticas em torno dele realizadas. Constroem seu discurso pela afirmação de ausências – não há sociedades literárias, não há leitores, não há ciência etc. –, ou pela desqualificação do que observam, primando pelo recurso às adversativas:

O colégio se acha num local aparentemente saudável e belo, *mas* a negligência e a falta de asseio parece que o estão privando das suas vantagens naturais [...]. *Mas embora* o Governo empreste seu patrocínio à instituição o número de estudantes é pequeno e, na realidade, a casa não está em condições de os receber em grande quantidade [...]. *Mas, embora* as escolas se tornassem mais numerosas, permaneceram elas quase que inteiramente em mãos dos portugueses e, *embora* os mestres comparativamente se multiplicassem em número, uma grande parte do tempo de que dispunham, consumiam-no cantando matinas e ave-marias.⁴⁵

Há em Cabo Frio um mestre escola e um professor de latim, que devem ser pagos pela administração. *Mas* a extrema apatia dos habitantes desse lugar afasta-os dos estudos.⁴⁶

As moças aprendem com facilidade a traduzir e a escrever a língua francesa, *mas* encontram em geral certa timidez em falá-la.⁴⁷

[a mulher leitora] é um elemento útil na sociedade, que sem se fazer mal, ou aos outros, faz circular as necessárias novidades literárias [...]. Aqui, pobre dêles! [dos novos autores], tais amáveis auxiliares limitam-se a comparar as passagens rivais do *Correio* e da *Sentinel*a, ou a advogar a causa do editor do *Sylpho*, ou do *Tamoio*.⁴⁸

O texto apresentava uma série de lugares-comuns, muito bem concatenados, sobre as vantagens da filosofia; *mas* o exórdio [...] era de tal modo ridículo que, ouvindo-o custei a conter o riso.⁴⁹

[Na Biblioteca Real] Há uma boa coleção de história eclesiástica e, especialmente, todas as narrativas dos jesuítas acêrca da América do Sul. Não faltam História Geral e Civil e há boas edições dos clássicos. Há alguns belos trabalhos de História Natural; *mas*, exceto êsses, nada de moderno; raros livros foram comprados desde sessenta anos.⁵⁰

A Imprensa Imperial do Rio dispõe, aliás de belos tipos fundidos na Inglaterra e de tudo mais, *mas* toda a sua atividade se limita à “Gazeta do Rio de Janeiro”, folhetos e poesias de ocasião em honra da casa reinante, etc.⁵¹

Num leilão de livros, saíram muito bem tanto obras inglesas como algumas latinas; poucas, *porém*, creio terem caído entre mãos brasileiras.⁵²

Esses fragmentos, pinçados do conjunto de escritos, indicam a existência de bibliotecas, mulheres leitoras, escritores, imprensa, professores, alunos e escolas – mas tudo estava errado... A tão alardeada ausência de interesse pela leitura pode até converter-se em excesso de interesse quando se trata de arrolar argumentos para a tese da apatia dos brasileiros. Maria Graham diz que a preguiça dos caixeiros é tanta que não deixam de ler seu jornal para procurar uma mercadoria solicitada pelo freguês.⁵³

Não se trata, entretanto, de má vontade e, sim, do confronto de universos culturais distintos. Os autores dos relatos são europeus, em geral bastante

eruditos, tendo, portanto, uma visão particular do que sejam demonstrações de cultura, de quais sejam os locais em que devam ocorrer e em torno a que objetos devam se processar. Sua forma de ver e de avaliar o mundo é condicionada por sua inserção na alta cultura européia, assim como a da maior parte de seus leitores, já que o público-alvo dessas obras era também europeu. Comparam a realidade que têm diante dos olhos com a de seus países de origem, ou melhor, com a do seu grupo cultural, já que parece pouco razoável supor que, mesmo no Velho Continente, encontrassem pelas ruas homens e mulheres capazes de dissertar sobre filosofia, escrever em latim ou falar várias línguas.

Embora a Europa ocupe papel central no pensamento dos viajantes, esta centralidade não produz comportamentos idênticos, gerando, conforme mostrou Todorov, modos distintos de encarar a si e ao outro: o etnocentrismo e o exotismo. Quer tomem a cultura européia como ponto mais elevado a que chegou a humanidade, quer a rejeitem, como opressiva e desumana, todos se voltam mais para si do que para o outro.⁵⁴ Não há muita saída, portanto, quando se trata de discursos de viajantes.

No que tange às condições culturais no Brasil Colônia, o problema complica-se, pois os esquemas mentais que conduziam seu olhar os haviam preparado para o contato com a natureza e com os índios – seja para louvá-los ou para denegri-los –, não com formas de cultura européia presentes nos

trópicos. Isso talvez ajude a entender por que os relatos que tratam da presença da cultura letrada sejam muito reduzidos se comparados com a observação de costumes e descrição de paisagens. A Europa é o que *não* querem encontrar aqui, e neste ponto as duas visões contraditórias – etnocêntrica ou exotista – irmanam-se. Se se trata de afirmar a supremacia da Europa, não convém encontrar práticas culturais de molde europeu nos trópicos, pois isso enfraqueceria essa mesma idéia de supremacia. Se se trata de louvar os trópicos pelo que têm de diferente de uma sociedade européia degradada e corrompida, novamente o encontro de traços europeus não é bem-vindo. Pensando encontrar aqui uma não-Europa, os viajantes apagam, diminuem ou desqualificam sinais de cultura erudita ou letrada com que se deparem.

Não obstante, nos séculos seguintes, intelectuais e escritores brasileiros – desconsiderando as condições em que foram produzidas as obras dos viajantes – adotariam a idéia do desinteresse pelo mundo das letras e a repetiriam e repetem incessantemente. Dessa forma, os discursos dos viajantes fundaram uma concepção cultural do país, tornando-se parte constitutiva de nossa identidade.

Se precisarmos do aval europeu para a avaliação da realidade brasileira, talvez fosse bom considerar o que diz Rousseau no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de 1754, em que critica as descrições dos viajantes como incompetentes e parciais:

Depois de trezentos ou quatrocentos anos em que os habitantes da Europa inundam as outras partes do mundo e publicam sem cessar novas coleções e relatos de viagem, eu estou persuadido de que nós não sabemos dos homens nada além do que conhecemos sobre os europeus.⁵⁵

Abstract

The paper examines texts written by foreign travelers about literate culture in Brazil in the first decades of 19th century. It shows how those travelers depict Brazilian cultural scene as being marked by personal and institutional failures. However, a careful analysis shows fissures on such discourse, and finds different meanings for them, considering the conditions in which they were produced.

Key-words: history of reading, foreign travelers, literate culture, colonial period.

Referências

a) Obras escritas por viajantes

BUNBURY, Charles James Fox. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Livraria Martins Editora, [s.d.].

CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21; containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile*. London: John Murray, 1825. 2. v.

CHAMBERLAIN, Henry. *Views and costumes of the city and neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil*. Londres: Thomas McLean, 1822.

D'ORBIGNY, Alcide. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. de Sérgio Milliet. 6. ed. São Paulo: Martins, 1975. II t. III v.

_____. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1975.

_____. *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement*. Paris: 1834-1839. Fac-símile da edição original de Firmin Didot Frères. Paris: 1835. Edição comemorativa do IV centenário da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record; New York: Continental News, 1835.

_____. *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement*. Paris: 1834-1839. Fac-símile da edição original de Firmin Didot Frères. Paris: 1835. Edição comemorativa do IV centenário da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record; New York: Continental News, 1835.

EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Trad. de Homero de Castro Jobim. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Trad. de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.

JULIÃO, Carlos. *Riscos Iluminados de Figurinhos de Brancos e Negros dos Uzos do Rio de Janeiro e do Serro Frio (aquarelas)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, MEC, 1960.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Trad. de Luis da Câmara Cascudo. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, Departamento de Cultura, 1978.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. 1. ed. 1578. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.

LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma Viagem ao Brasil que terminou com o apresamento de um navio britânico e prisão do autor e da tripulação do navio pelos portugueses acompanhada de diversas apreciações de caráter geral sobre o país, seus produtos naturais, seus habitantes e uma descrição da cidade e das províncias de S. Salvador e Pôrto Seguro acrescidas de uma tábuia correta das latitudes e longitudes dos portos da costa do Brasil, uma tabela de câmbio etc.* Trad. de Thomaz Newlands Neto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, Londres, 1805.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Trad. de Milton da Silva Rodrigues. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

MAWE, John. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978.

NANTES, Pe. Martin de. *Relação sincera e sucinta de uma missão no rio São Francisco*. São Paulo: Editora Nacional, 1979. (1. ed. 1706).

POHL, João Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil, empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de sua magestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro*. Trad. do Instituto Nacional do Livro da edição de Viena (1837). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, 1951.

RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1940.

_____. *Malerische Reise in Brasilien*. Herausgegeben von Engelmann & Cie in Paris in Mülhausen, 1835. Fac-símile da edição original. São Paulo: Kosmos, 1986.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

_____. *Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil com um resumo histórico das revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à América à Abdicação de D. Pedro*. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.

_____. *Segunda viagem ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*. Trad. de Affonso de E. Taunay. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987.

b) Obras sobre viajantes

AGUILAR, Nelson (Org.). *Mostra do redescobrimento: negro de corpo e alma*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

_____. *Mostra do redescobrimento: o olhar distante*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Objetiva, Metalivros, 1999.

BERTELS, D. E. et al. (Org.). *A expedição científica de G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1829)*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

- CASCUDO, Luis da Câmara. *O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil (1815-1817)*, Biografia e Notas. Rio de Janeiro: Kosmos, 1977.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, Biblioteca Nacional, 1970.
- DIENER, Pablo. O catálogo fundamentado da obra de J. M. Rugendas e algumas idéias para a interpretação de seus trabalhos sobre o Brasil. *Brasil dos Viajantes*. Revista USP, São Paulo, n. 30, jun./ago. 1996.
- EDMUNDO, Luiz. *Rio in the time of the viceroys*, (translated from *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*). Rio de Janeiro: J. R. De Oliveira, 1936.
- GERBI, Antonello *O Novo Mundo, história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- KOMISSAROV, Boris. *Expedição Lagsdorff*: acervo de fontes históricas. São Paulo: Editora da Unesp, Brasília, Edições Langsdorff, 1994.
- LEITÃO, C. De Mello. *Visitantes do primeiro Império*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.
- LEITHOLD, T. von; RANGO, L. von. *O Rio de Janeiro Visto por dois prussianos em 1819*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- LEVY, Hannah. A pintura colonial no Rio de Janeiro. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, n. 6, p. 7-78, 1942.
- _____. Retratos colonial. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, n. 9, 1945.
- MANIZER, G. G. *A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)*. Edição póstuma organizada por B.G. Xprintsin. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.
- MELLO-LEITÃO, C. de. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.
- _____. *Visitantes do primeiro Império*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.
- MIGLIACCIO, Luciano. O Século XIX. In: AGUILAR, Nelson (Org.). *Mostra do redescobrimento: arte do século XIX*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, Fundação Bienal de São Paulo, 2000.
- NAVES, Rodrigo. *A forma difícil – ensaios sobre arte brasileira*. São Paulo: Ática, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista! : discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1990.
- POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français (1816-1840) Témoignages et images*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1993.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discours sur l'origine et fondements de l'inégalité*. 1. ed. 1754. Paris: Gallimard, 1965.
- SELA. Eneida Maria Mercadante. *Desvendando figurinhas: um olhar histórico para as aquarelas de Guillobel*. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. O Front Brasileiro na Guerra Verde: vegetais, colonialismo e cultura, *Brasil dos Viajantes*. Revista USP, São Paulo, n. 30, jun./ago. 1996.
- SLENES, Robert W. As provações de um Abraão africano: a nascente nação brasileira na *Viagem alegórica de Johann Moritz Rugendas*. *Revista de Historia da Arte e Arqueologia*, Campinas, São Paulo, v. 2, p. 271-294, 1996.
- SÜSSEKIND, Flora. Palavras loucas, orelhas moucas – os relatos de viagem dos românticos brasileiros. *Brasil dos Viajantes*. Revista USP, São Paulo, n. 30, jun./ago. 1996.
- _____. *O Brasil não é longe daqui – o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAUNAY, Affonso de Escragnoille. *A Missão Artística de 1816*. Brasília: Editora da UnB, 1983.

_____. *Rio de Janeiro de Antanho – impressões de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942.

_____. *Visitantes no Brasil Colonial (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les Autres – la réflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

Notas

- ¹ Pesquisa desenvolvida junto ao Projeto Memória de Leitura (IEL – Unicamp) com apoio do CNPq. Este texto sintetiza idéias apresentadas num dos capítulos de minha tese de livre docência (*A cultura letrada e os trópicos. O Caminho dos Livros. Tese de Livre Docência em Literatura Brasileira defendida junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas*. 2002).
- ² Para acompanhar as polêmicas intelectuais geradas pelo Novo Mundo, ver GERBI, Antonello. *O Novo Mundo, história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ³ LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma viagem ao Brasil que terminou com o apresamento de um navio britânico e prisão do autor e da tripulação do navio pelos portugueses acompanhada de diversas apreciações de caráter geral sobre o país, seus produtos naturais, seus habitantes e uma descrição da cidade e das províncias de S. Salvador e Porto Seguro acrescidas de uma tábua correta das latitudes e longitudes dos portos da costa do Brasil, uma tabela de câmbio etc.* Trad. de Thomaz Newlands Neto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 69. Thomas Lindley nasceu na Inglaterra em 1771 (não se conhece a data de sua morte). Foi um contrabandista e ficou aprisionado no Brasil entre 1802 e 1803. A primeira edição de seu livro foi feita em Londres, em 1805.
- ⁴ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Trad. de Milton da Silva Rodrigues. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 87. John Luccock era comerciante e permaneceu no Brasil entre 1808 e 1818, com pequenas interrupções. A primeira edição de seu livro foi publicada na Inglaterra em 1820.
- ⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda viagem ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*. Trad. de Affonso de E. Taunay. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932. p. 213-214. Auguste François Cesar Provençal de Saint-Hilaire nasceu na França em 1779 e lá faleceu em 1853. Era naturalista e chegou ao Brasil em 1816, aqui permanecendo até 1822.
- ⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*.

Trad. de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956. p. 121. Maria Graham nasceu em 1785 e faleceu em 1842, 1. ed. 1824. Escritora e artista não profissional, esteve no Brasil em três diferentes ocasiões, em 1821, 1822 e 1823.

- ⁷ Essa não era uma idéia nova nem peculiar ao Brasil colonial. O perigo da mulher que sabe escrever está presente, por exemplo, na *École des Femmes* de Molière. Também marcava presença no México colonial, em que deliberações oficiais sobre a instrução pública afirmavam que “era perigoso que as mulheres soubessem escrever porque então poderiam trocar comunicações por escrito com seus pretendentes” (apud ESTRADA, Dorothy Tanck de. *La enseñanza de la lectura y de la escritura en la Nueva España, 1700-1821*. In: *Historia de la lectura en México*. México, D.F.: Ediciones del Ermitaño, 1988, p. 89).
- ⁸ LUCCOCK, op. cit., p. 86.
- ⁹ LUCCOCK, op. cit., p. 79.
- ¹⁰ LUCCOCK, op. cit., p. 86.
- ¹¹ LUCCOCK, op. cit., p. 49.
- ¹² O mais antigo relato sobre o comércio livreiro no Rio de Janeiro foi elaborado por Lord Macartney, que esteve no Rio de Janeiro durante em 1792. Apud HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1985. p. 25.
- ¹³ Ferdinand Denis, 1817. Apud MORAES, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979.
- ¹⁴ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Trad. de Luis da Câmara Cascudo. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, Departamento de Cultura, 1978. Henry Koster nasceu em 1793 e faleceu em 1820. Esteve no Brasil entre 1809 e 1815.
- ¹⁵ GRAHAM, op. cit., p. 121.
- ¹⁶ LINDLEY, op. cit., p. 92.
- ¹⁷ CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21; containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile*. London: John Murray, 1825, 2. v. Apud MELLO-LEITÃO, C. de. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937. Alexander Caldcleugh, comerciante e naturalista, visitou o Brasil em 1819. Faleceu em 1858.
- ¹⁸ GRAHAM, op. cit., p. 121.
- ¹⁹ POHL, João Emanuel. *Viagem no interior do Brasil, empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de sua magestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro*. Trad. do Instituto Nacional do Livro da edição de Viena (1837). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, 1951, p. 79. Johann Emmanuel Pohl nasceu em Kanits em 1782 e faleceu em Viena em 1834. Era professor de botânica e mineralogista. Veio ao Brasil acompanhando a Missão Austríaca em 1818 e aqui permaneceu até o ano seguinte. O relato de sua viagem foi publicado em Viena entre 1832 e 1837.
- ²⁰ POHL, op. cit., p. 79.
- ²¹ GRAHAM, op. cit., p. 339.
- ²² NANTES, Pe. Martin de. *Relação sincera e sucinta de uma missão no rio São Francisco*, 1706. Segunda edição: *Relação de uma missão no rio São Francisco. Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris*. São Paulo/Brasília, Cia. Editora Nacional/MEC/INL, 1979, 123 p. (grifo meu).
- ²³ SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 215.
- ²⁴ LINDLEY, op. cit., p. 70.

- ²⁵ LINDLEY, op. cit., p. 71.
- ²⁶ LINDLEY, op. cit., p. 62.
- ²⁷ LUCCOCK, op. cit., p. 49-86.
- ²⁸ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil com um resumo histórico das revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à América à Abdicação de D. Pedro*. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974. p. 170.
- ²⁹ LUCCOCK, op. cit., p. 79.
- ³⁰ DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. de Sérgio Milliet. 6. ed. São Paulo: Martins, 1975. t. II, v. III, p. 17. Jean Baptiste Debret nasceu na França em 1768 e lá faleceu em 1848. Foi convidado, em 1815, a integrar a Missão Artística Francesa que viria ao Brasil fundar a Academia Imperial de Belas Artes. Chegou ao Brasil em 1816 e aqui permaneceu até 1831.
- ³¹ Manuscrito pertencente à coleção particular de José Mindlin, estudado e citado por Mary del Priore, Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Melo (Org.). *História da vida privada*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 292. v. I.
- ³² VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e cultura. In: SOUZA, Laura de Melo (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 331. v. I.
- ³³ Situação semelhante à brasileira foi encontrada por Margareth Spufford em seu estudo sobre a instrução na Inglaterra no século XVII. Ela verificou que grande parte do aprendizado de leitura se fazia fora de escolas e de instituições de ensino, realizando-se fundamentalmente em oficinas e nas lavouras, onde os trabalhadores ensinavam uns aos outros. (SPUFFORD, Margareth. First steps in literacy: the reading and writing experiences of the humblest seventeenth century aytobiographers. *Social History*, n. 4, p. 407-435, 1979).
- ³⁴ DEBRET, op. cit., t. II, v. III, p. 17.
- ³⁵ GRAHAM, Maria. *Diário*, p. 258-259.
- ³⁶ GRAHAM, Maria. *Diário*, p. 341.
- ³⁷ SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e accrescentado por*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- ³⁸ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1952.
- ³⁹ “L’art de bien lire n’est autre chose que l’art de bien dire ce qui est écrit, c’est-à-dire de donner aux phrases qu’on a à prononcer at aux mots qui les composent, la véritable expression dont ils sont susceptibles. Sous cet apperçu, on peut voir l’analogie parfaite qui existe entre l’Art de bien lire et celui de bien parler.” LE TEXIER. *Petit Cours de Littérature, à l’usage de la jeunesse de l’un et l’autre sexe. Contenant une dissertation sur l’art de bien lire, sur chaque genre de style, et un Recueil de morceaux choisis de poètes et des Orateurs français*. Paris: Chez Michel, 1801. p. I.
- ⁴⁰ CAEIRO, Francisco da Gama. *Livros e livrinhos franceses em lisboa nos fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX*, Separata do boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra, v. 35, 1980.
- ⁴¹ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Trad. de Homero de Castro Jobim. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. v. 1, p. 99-100. Thomas Ewbank nasceu na Inglaterra em 1792 e faleceu em Nova York em 1870. Foi empresário e dedicou-se ao estudo das ciências exatas e sociais. Permaneceu no Brasil por pouco mais de cinco meses, entre 1845 e 1846.
- ⁴² *Catálogo de alguns livros portugueses que a viúva Bertrand e filhos, mercadores de livros, mandarão imprimir por sua conta, ou tem edições e se vendem na sua loja, na rua direita das portas de Santa Catharina junto à Igreja de Nossa Senhora dos Martyres e acima do Xiado em Lisboa*, 1791. Este é o mais antigo catálogo conservado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A advertência mantém-se nos anos seguintes.
- ⁴³ LINDLEY, op. cit., p. 92.
- ⁴⁴ LUCCOCK, op. cit., p. 380.
- ⁴⁵ LUCCOCK, op. cit., p. 49 e p. 86.
- ⁴⁶ SAINT-HILAIRE. *Viagem pelo distrito dos Diamantes...*, p. 170.
- ⁴⁷ DEBRET, op. cit., t. II, v. III, p. 18.
- ⁴⁸ GRAHAM, op. cit., p. 348.
- ⁴⁹ SAINT-HILAIRE. *Viagem pelo distrito...*, p. 77.
- ⁵⁰ GRAHAM, op. cit., p. 339.
- ⁵¹ POHL, op. cit., p. 79.
- ⁵² LUCCOCK, op. cit., p. 380.
- ⁵³ “Divirto-me com a visível apatia dos caixeiros brasileiros. Se estão empenhados, como atualmente não é raro, em falar de política, ou a ler jornais, ou simplesmente a gozar fresco nos fundos da loja, preferirão dizer, na maior parte das vezes, que não têm a mercadoria pedida a se levantar para procurá-la.” GRAHAM, op. cit., p. 211.
- ⁵⁴ TODOROV, Tzvetan. *Nous et les Autres - la réflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- ⁵⁵ “Depuis trois ou quatre cens [sic] ans que les habitants [sic] de l’Europe inondent les autres parties du monde et publient sans cesse de nouveaux recueils de voyages et de relations, je suis persuadé que nous ne connaissons d’hommes que les seuls Européens.” ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discours sur l’origine et fondements de l’inégalité*. 1. ed. 1754. Paris: Gallimard, 1965, p. 172.